



Peça de Teatro

MARIANDANÇAS

Histórias de Mulheres

MARIANDANÇAS

Histórias de Mulheres



FICHA TÉCNICA

Seleção de Textos, Dramaturgia e Encenação: João M^a André

Assistente Encenação: António Nobre (Toni)

Produção: IEBA-Centro de Iniciativas Empresariais Beira Agueira

Elenco: Os actores (por ordem alfabética)

Alcino Lopes

Anais Paixão

Carla Rosa

Gabriela Pinto

João Cardoso

Luís Cardoso

Margarida Lourenço

Marisa Afonso

Micael Lopes

Neide Simões

Paulo Costa

Romina Nunes

Sofia de Almeida

Zilia Martins

Música: Jorge Gonçalves (Voz masculina), Dora Garrido (Voz feminina), Miguel Dias (Guitarra), Ricardo Vicente (teclas)

Operação de luz: António João Lobo

Operação de som: António João Lobo

Coordenação de adereços e Guarda-Roupa: Sandra Marques, Cafí e José Carlos.

Cartaz e programa: Petra Saldanha

Duração: aproximadamente 1h30m

Destinatários: m/16 anos

Colaborações e apoios:

TEM-Teatro Experimental de Mortágua,
Grupo de Teatro da Associação de Vila Nova (Mortágua)
Câmara Municipal de Mortágua
Escola Secundária de Mortágua
EBA-Escola Profissional
Fundação BALMAR
Jardim-Escola João Deus
Santa Casa da Misericórdia de Mortágua
Agrupamento de Escolas de Mortágua.

Primeira sessão pública em 31 de Outubro de 2006.

Financiado por: CIDM, POEFDS, União Europeia



MARIANDANÇAS

QUADRO 1

Soltam-se no ar os primeiros acordes do tema “em memória de uma camponesa assassinada”, de Carlos Paredes. A cena é atravessada por mulheres que circulam (vestidas como as personagens-mulheres que irão aparecendo ao longo do espectáculo) e por dois homens-carteiros e duas mulheres-carteiras que irão fazendo a ligação dos quadros ao longo do espectáculo. A pouco e pouco vão deixando de se ver as mulheres-personagens e vão ficando em cena apenas as carteiras e os carteiros.

Homem Carteiro 1 - Chegam cartas. Chegam pedaços do meu país.
Chegam vozes. Chega um silêncio que me diz as revoltas, as lágrimas e os cansaços.
Chegam palavras que me apertam nos seus braços.
Chegam notícias do meu país.

Mulher-carteira 1 - Chegam palavras com guitarras de Lisboa
chegam palavras que me sentam à sua mesa
para falar das nossas coisas: trigo e tristeza.
Trevo e sal.
Chegam palavras que me trazem vinho e boroa.
Chegam palavras que me trazem Portugal.

Homem-Carteiro 2 - Chegam palavras de ontem dentro das palavras de hoje.
O tempo nos constrói e nos destrói.
Vai-se o tempo Maria o tempo foge
por vezes dói Maria por vezes dói.

Mulher-carteira 2 - E esta gente por dentro das palavras
esta gente que se junta que se junta
esta gente que chega e que pergunta
Que fazer? Que fazer? Só palavras?

(Manuel Alegre)

Mulher carteira 1 - Chegam palavras que nos falam de Marias.

Homem-carteiro 1 - Chegam palavras que dizem Catarina.

Mulher-carteira 2 - Chegam cartas de Leonor. De tantas Leonores

Homem-carteiro 2 - Chegam cartas de Alzira. Tantas Alziras
por dentro de cada Alzira.

Homem Carteiro 1 - Chegam palavras, chegam cartas do meu
país.

Mulher-carteira 1 - E em cada carta uma vida.

Homem-Carteiro 2 - Em cada vida uma mulher.

Mulher-Carteira 2 - E em cada mulher tantas vidas.

QUADRO 2

Começa a ouvir-se em surdina, a voz de José Afonso cantando

Chamava-se Catarina,
O Alentejo a viu nascer
serranas viram-na em vida
Baleizão a viu morrer.

Ceifeiras na manhã fria
flores na campa lhe vão pôr
Ficou vermelha a campina
do sangue que então brotou.

Acalma o furor campina
que o teu pranto não findou
quem viu morrer Catarina
não perdoa a quem matou

Sobre o som da guitarra, ouve-se o poema

Catarina Eufémia

O primeiro tema da reflexão grega é a justiça
e eu penso nesse instante em que ficaste exposta
estavas grávida porém não recuaste
porque a tua lição é esta: fazer frente.

Pois não deste homem por ti
e não ficaste em casa a cozinhar intrigas
segundo o antiquíssimo
modo oblíquo das mulheres
nem usaste de manobra ou de calúnia
e não serviste apenas para chorar os mortos
Tinha chegado o tempo
em que era preciso que alguém não recuasse
e a terra bebeu um sangue duas vezes puro.

Porque eras mulher e não somente a fêmea
eras a inocência frontal que não recua
Antígona poisou a sua mão sobre o teu ombro no instante
em que morreste
e a busca da justiça continua.

(Sophia de Mello Breyner Andresen)

Continua a ouvir-se a voz de José Afonso

Aquela pomba tão branca
todos a querer p'ra si
Ó Alentejo queimado
ninguém se lembra de ti.

Aquela andorinha negra
bate as asas p'ra voar
Ó Alentejo esquecido
Inda um dia hás-de cantar.

QUADRO 3

O homem-carteiro 1 e a mulher-carteira 1 atravessam a cena

Homem carteiro 1 - Chamava-se Catarina. Mas também poderia chamar-se Maria.

Mulher carteira 1 - Chamava-se Maria, mas também poderia chamar-se Leonor.

Homem-Carteiro 1 - Tantas mulheres, tantos nomes...

Mulher-carteira 1 - Tantos nomes, tantas mulheres, formosas mas não seguras...

Dois actores começam a dizer a canção de Camões

Descalça vai para a fonte
Lianor pela verdura
vai formosa, e não segura.

Leva na cabeça o pote
O testo nas mãos de prata,
Cinta de fina escarlata,
Sainho de chamalote;
Traz a vasquinha de cote
Mais branca que a neve pura.
Vai formosa e não segura.

Descobre a touca a garganta,
cabelos de ouro entrançado,
fita de cor de encarnado,
tão linda que o mundo espanta.
Chove nela graça tanta,
que dá graça à fermosura.
Vai formosa e não segura.

(Luís de Camões)

Ouve-se, sobrepondo-se aos últimos versos, a reinterpretação de António Cabral/ Francisco Fanbais

Descalça vai para a fonte
Leonor, pela verdura,
vai formosa e não segura.

Se tivesse umas chinelas
iria melhor, mas não,
com o dinheiro das chinelas
Leonor compra mais pão.
Virá um dia em que os pés
não sintam a terra dura
Leonor sonha demais
Vai formosa e não segura.

Formosa não vale a pena
ter nos olhos uma aurora.
quando na vida, que vida!,
o sol já se foi embora.
Se os filhos se alimentassem
com a sua formosura...
Leonor pensa demais,
vai formosa e não segura.

Há verdura pelos prados,
há verdura no caminho,
num olmo de ao pé da fonte
canta livre um passarinho.
Mas ela não canta não
que a voz perdeu a doçura
Leonor sofre demais
vai formosa e não segura.

Descalça vai para a fonte
Leonor, pela verdura,
Vai formosa e não segura.

(António Cabral)

Mulher-carteira 1- Mas há tantas Leonores por detrás de cada Leonor.

Homem-carteiro 1 - Há Leonores que caminham, há Leonores que se arrastam

Mulher-carteira 1 - e há também as Leonoretas, que vão para a praia de lambreta...

Dois outros actores vão recitando o Poema da Auto-estrada

Voando vai para a praia
Leonor na estrada preta.
Vai na brasa de lambreta.

Leva calções de pirata,
vermelho de alizarina
modelando a coxa fina
de impaciente nervura.
Como guache lustroso,
amarelo de indantreno
blusinha de terileno
desfraldada na cintura.

Fuge, fuge, Leonoreta
vai na brasa de lambreta.

Agarrada ao companheiro
na volúpia da escapada
pincha no banco traseiro
em cada volta da estrada.
Grita de medo fingido
que o receio não é com ela,
mas por amor e cautela
abraça-o pela cintura.
Vai ditosa, e bem segura.

Como um rasgão na paisagem
corta a lambreta afiada,
engole as bermas da estrada
e a rumorosa folhagem.
Urrando, estremece a terra,

bramir de rinoceronte
 enfia pelo horizonte
 como um punhal que se enterra.
 Tudo foge à sua volta,
 o céu, as nuvens, as casas,
 e com os bramidos que solta
 lembra um demónio com asas.

Na confusão dos sentidos
 já nem percebe, Leonor,
 se o que lhe chega aos ouvidos
 são ecos de amor perdidos
 se os rugidos do motor.

Fuge, fuge, Leonoreta.
 Vai na brasa de lambreta.

(António Gedeão)

No final, ouve-se ainda a última estrofe da outra “Leonor”

Porque sofre, nunca soube
 nem saberá a razão,
 vai encher a talha de água,
 só não enche o coração.
 Virá um dia virá
 os olhos voam na altura
 Leonor não anda, sonha,
 vai formosa e não segura.

Descalça vai para a fonte
 Leonor, pela verdura,
 vai formosa e não segura.

(António Cabral)

QUADRO 4

Luz sobre

Leonor - Eu também sou Leonor. Só que um dia perdi a boleia da lambreta. Voltei para casa, ainda com as ondas nos olhos e a maresia a encher-me os cabelos. De repente, parou um automóvel branco a meu lado, saíram dois homens que me agarraram e levaram brutalmente. Depois, já no pinhal, em Monsanto, fui agredida e violentada pelos dois, à vez, uma vez, outra vez, outra vez ainda. Mas na polícia ninguém acreditou e quem foi presa fui eu. Foi lá, na prisão, que eu conheci a Alzira. Sentada, à mesa, à minha frente, dispôs-se a contar como tudo aconteceu. Ali estava ela, tranquila e modesta no seu vestido de riscado azul e branco. *(Luz, filtrada por grades sobre Alzira, sentada, a escrever uma carta.)* Cabelos negros, compridos, apanhados atrás como os de uma colegial. Fala como quem conta. Tem vinte e seis anos. (...) Conservará Alzira o mesmo olhar ingénuo quando sair de Tires, daqui a catorze anos? O rótulo de infanticida assusta. Como será uma mulher que matou um filho acabado de nascer? (...) Fala como quem conta. Como quem canta. Quem canta, seu mal espanta. Maria, Leonor ou Alzira, que diferença faz?

Alzira *(com muita ternura e afecto à mistura com toda a ingenuidade de uma adolescente já adulta, que não teve tempo para ser jovem)* - Eu não estava em mim, senhora, eu não estava em mim. (...) Na verdade, nem me lembro do que aconteceu. As dores eram tantas, a aflicção tão grande, que devo ter batido com a cabeça numa parede. Tenho ainda o vidro do relógio partido de uma pancada que lhe dei. Não sei o que se passou. O que aconteceu, nem eu sei porquê. Quando a senhora me viu no dia seguinte, logo

percebeu que eu estava mal, e levou-me à maternidade. As enfermeiras ali foram muito boas para mim: nunca me recriminaram. Eu é que tive remorsos, muitos, quando caí em mim e vi que tinha morto o meu filho! São horas más, senhora, são horas más. Se estivesse no meu juízo nunca o teria feito. Como criei o outro havia de criar este. Mesmo com sacrifícios. Porque eu gosto de trabalhar e gosto muito de crianças. Sempre gostei. Catorze anos é muito tempo, senhora. Quando sair já nem encontro os meus pais vivos. E o meu filho, senhora, que vai ser dele? Que irá ele pensar de mim, quando eu sair daqui e ele for já um homenzinho?

(Maria Antónia Palla)

QUADRO 5

Entra a canção de José Mário Branco

As canseiras desta vida

As canseiras desta vida
tanta mãe envelhecida
a escovar
a escovar
a jaqueta carcomida
fica um farrapo a brilhar

Cozinheira que se esmera
faz a sopa de miséria
a contar
a contar
os tostões da minha fêria

e a panela a protestar

Dá as voltas ao suor
fim do mês é dia trinta
e a sexta é depois da quinta
sempre de mal a pior

E cada um se lamenta
que isto assim não pode ser
que esta vida não se aguenta
o que é que se há-de fazer?

Corta a carne, corta o peixe
não há pão que o preço deixe
a poupar
a poupar
a notinha que se queixa
tão difícil de ganhar.

Anda a mãe do passarinho
a acartar o pão p'ró ninho
a cansar
a cansar
com a lama do caminho
só se sabe lamentar

Dás as voltas ao suor
fim do mês é dia trinta
e a sexta é depois da quinta
sempre de mal a pior

E cada um se lamenta
que isto assim não pode ser
Que esta vida não se aguenta
o que é que se há-de fazer?

Homem-Carteiro 2- Carta para a Senhora Felícia dos Santos. É da sua filha Maria, Senhora Felícia.

Vê-se a mãe a abrir a carta, a desdobrá-la, e começa a ler. A pouco e pouco sobrepõe-se à voz da mãe a voz da filha, escrevendo sentada a um canto, com um carrinho de compras de supermercado onde cabe toda a sua vida. É uma sem-abrigo nas ruas de Lisboa.

Senhora Felícia (*Lendo*) - Mãe, minha querida mãe, Sei que hoje fazes cinquenta anos e deves estar triste por não saberes nada de mim...

Maria (*sobrepondo-se à voz da sua mãe*) - e deves estar triste por não saberes nada de mim. Já lá vão dez anos desde que me viste partir para norte à procura de trabalho. Dez anos, é o que dizem os calendários. Eu não sei se são dez se são cem anos. A mim parece-me uma vida. Tudo correu bem, ao princípio, mãe. Arranjei emprego numa fábrica de lanifícios. Trabalhava numa linha de montagem de roupas para crianças. O ordenado não era muito mas dava para as despesas. Conheci o Quim, que também era lá empregado. Juntámos os trapos, engravidei e estávamos a pensar em casar. Quando olhava para as roupas que me passavam pelas mãos, até já via a nossa menina vestida com elas. E sonhava todos os dias com a festa do seu baptizado, contigo e o pai, todos babados a olhar para a neta... Um dia caí na tentação: meti um casaquinho no saco, para vestir à menina quando nascesse. Fui apanhada e puseram-me na rua. A mim e ao Quim. Ele batia a

todas as portas e todas as portas se fechavam. Afogava a desgraça no álcool. E em vez de bater às portas, deu em bater em mim. Eu comecei também a procurar trabalho. Primeiro no mesmo ramo, lanifícios, depois noutras fábricas. Já não sei a quantos anúncios e a quantas entrevistas respondi. Entrevistas? Mal olhavam para mim e viam que estava grávida, diziam que o lugar estava preenchido. As coisas em casa iam de mal a pior. Álcool e porrada. Porrada e álcool. A menina nasceu, sim, mas nasceu quase morta. Eu estava em casa, sozinha, e tive de fazer tudo, sozinha. Depois, meti-me num táxi com ela, fui para o hospital, mas quando lá cheguei já estava morta. Melhor para ela. Voltei para casa, juntei as minhas coisas, e fugi. Vim para Lisboa. É uma cidade grande, pensei, há-de haver trabalho para todos. Mais entrevistas, mais anúncios, mas é sempre a mesma coisa. Ora porque não tenho carta, ora porque não tenho habilitações, ora porque sou mulher. E, depois, as coisas sabem-se depressa. Agora até já sabem que tive uma filha e que nasceu morta. Já sabem que o Quim se embebedava e me batia. Sabem que fui despedida por ter tirado um casaquinho para a minha menina que estava para nascer. A esta hora até já devem saber que te estou a escrever uma carta... (*Pausa.*) Eu sei, mãe, eu sei que tu gostavas que no dia dos teus anos eu te dissesse que era feliz, que a vida corria bem e que um dia te havia de visitar para te mostrar a tua netinha. Mas a vida, mãe, a vida é mãe para uns e madrastra para outros. A minha cabe toda neste carrinho de supermercado onde transporto os meus pedaços, pedaços de mim que vou buscar do caixote do lixo dos outros, pedaços de mim que vou encontrar à mala das minhas lembranças. (*Tira uma fotografia e contempla-a.*) Sabes, mãe, estou agora a olhar para ti e para o pai. À frente estou eu, a sorrir. Acho que é no dia da minha primeira comunhão. Lembra-te? Estou vestida de branco, sem tristezas nem pecados. Hoje carrego em mim todos os pecados do mundo. E cada um me deixa um buraco. É por isso que tenho a roupa toda

rota e esfarrapada. Mas estes buracos não são nada comparados com os buracos da alma. (*Nova pausa*). A vida aqui está difícil, mãe. Tanto que eu gostava de te mandar uma prenda no dia dos teus anos. Mas só tenho os olhos cheios de nada e as mãos cheias de coisa nenhuma. E tenho frio. Tenho tanto frio, mãe. Tenho as mãos frias dos olhos dos homens. Mas o pior é este frio que nos morde por dentro. Olha, mãe, podia mandar-te uns brincos que achei num contentor da Avenida 5 de Outubro. Mas já os pus ao lado da tua fotografia e a verdade é que não te ficam nada bem. Mando-te três pétalas de uma rosa que colhi num jardim onde passo todas as tardes para me lembrar da nossa casa. Guarda-as bem no teu coração. Adeus. A tua filha, Maria.

(João Maria André)

Ouve-se a última estrofe da canção do José Mário Branco.

É mentira, é verdade
vai o tempo, vem a idade
a esticar
a esticar
a ilusão da liberdade
pra morrer sem acordar.
É na morte ou é na vida
que está a chave escondida
do portão
do portão
deste beco sem saída.
- qual será a solução?

Dá as voltas ao suor
fim do mês é dia trinta
e a sexta é depois da quinta
sempre de mal a pior

E cada um se lamenta
que isto assim não pode ser
que esta vida não se aguenta
o que é que se há-de fazer?

Levanta-se um sem-abrigo, Francisco como Francisco de Assis, que parecia adormecido ao lado do carrinho de supermercado, tira da mochila que traz às costas uma saquinha de pano, onde mete a mão que sai cheia de pétalas. Vai-as deixando cair sobre Maria.

Francisco - Vou inventar uma flor
para pôr
no teu cabelo.

Uma flor com asas de lume
donde, em vez de perfume,
saíam sons de violoncelo.

E eu possa dizer à terra:
“Sim. Bendito seja o teu ventre entre as mulheres.
Mas basta de malmequeres!”

(José Gomes Ferreira)

Maria (*para o público*) - A nossa vida tem uma coisa boa.
Não há diferenças. Somos todos iguais.

Francisco - Somos todos iguais.

Maria - Só as histórias que carregamos são diferentes.

Francisco - Mas a dormir no vão de uma escada, num banco de jardim, somos todos iguais!...

Maria - Numa estação de comboio ou no recanto de uma montra,

Francisco - somos todos iguais!...

Maria - Somos todos iguais! Homens e mulheres. Brancos e pretos. Novos e velhos.

Francisco - Olha a Etelvina, por exemplo. (Para Maria) Lembras-te da Etelvina?

Maria - A Etelvina, que era da rua como outros são do campo...

Francisco - Sua cama era um caixote sem paredes nem tampo...

Ouve-se a canção de Sérgio Godinho

Etelvina

Etelvina com seis meses já se tinha de pé
foi deixada num cinema depois da matinée
com um recado na lapela que dizia assim
quem tomar conta de mim
quem tomar conta de mim
saiba que fui vacinada
saiba que sou malcriada.

Etelvina com dezasseis anos já conhecia
todos os reformatórios da terra onde vivia
entregaram-na a uma velha que ralhava assim
Ai menina sem juízo
nem mereces um sorriso
vais acabar num bueiro
sem futuro nem dinheiro.

“Eu durmo sozinha à noite

Vou dormir à beira-rio, à noite, à noite
acocorada com o frio à noite, à noite.”

Etelvina era da rua como outros são do campo
sua cama era um caixote sem paredes nem tampo
sua janela uma ponte que dizia assim:
dentro das minhas cidades
já não sei quem é ladrão
se um que anda fora de grades
se outro que está na prisão.

Etelvina só gostava de andar pela cidade
a semear descatos e a colher tempestade
a meter-se c'os ricaços, a dizer assim:
você que passa de carro
ferre aqui a ver se eu deixo
venha cá que eu já o agarro
dou-lhe um pontapé no queixo.

“Eu durmo sozinha à noite

Vou dormir à beira-rio, à noite, à noite
acocorada com o frio à noite, à noite.”

Etelvina já cansada de viver sem ninguém
a não ser de vez em quando amores de vai-e-vem
pôs um anúncio no jornal que dizia assim:
mulher desembaraçada
quer viver com alma-irmã
de quem não seja criada
De quem não seja mamã.

Etelvina já sabia que não ia encontrar
nem um príncipe encantado nem um lobo do mar
só alguém com quem pudesse dizer assim:
o amor já não é cego
abre os olhinhos à gente
faz lutar com mais apego
a quem quer vida diferente.

O seu homem encontrou-o à noite
a dormir à beira-rio, à noite
acorado com frio à noite, à noite.

QUADRO 6

Mulher-carteira 2 - Chegam mulheres aos pedaços nos pedaços
do meu país!

Homem-carteiro 2 - Nos jornais, telejornais, pedaços do meu
país!

Mulher-carteira 2 - (apregoando como se vendesse jornais) O
escândalo da Casa-Pia!

Homem-carteiro 2 - Os mistérios da casa de Elvas!

Mulher-carteira 2 - Chegam crianças aos pedaços nos pedaços
do meu país!

Homem-carteiro 2 - Menina de cinco anos violada pelo pai!

Mulher-carteira 2 - Menina de doze anos prostituída pela mãe!

Homem-carteiro 2 - Por onde pára a justiça nas ruas do meu país?

Mulher-carteira 2 - Vai-se rasgando aos pedaços nas praças do
meu país...

*Ouve-se a primeira estrofe da canção de Amélia Muge, enquanto se
vai começando a ver a silhueta de Electra, sentada na sua cela, a
escrever uma carta*

A senhora está sentada

A senhora está sentada
não tem pés pois muito andou
já nem na memória há rastos
do tempo que caminhou.

A senhora está sentada
numa redoma de luz
e é uma nave perdida
nenhuma rota a conduz.

E a senhora está sentada
numa montanha de fel
rios correm dos seus olhos
e dos seus lábios o mel.

E a senhora está sentada
tem parado a respirar
do seu peito saem chamas
das que não sabem queimar.

E a senhora está sentada
sobre as dores de cada um
do seu ventre sai remédio
que cura como nenhum.

E a senhora está sentada
numa matéria sem nome
Transformada numa estátua
que não tem sono nem fome.

(Amélia Muge)

Exmo. Senhor

Presidente do Supremo Tribunal de Justiça

Estou aqui, na minha cela, em frente do espelho e dirijo-lhe esta carta na sua qualidade de garante supremo da justiça neste país.

Cumpri já cinco anos de cadeia. Outros cinco me esperam e os meses correm lentos como as noites de inverno em que os dedos paralisam os gestos que não têm.

Não lhe peço a liberdade. Peço apenas justiça para todas as mulheres que vejo no espelho, neste meu rosto que me olha, neste meu rosto já cansado de me julgar.

Fui acusada de homicídio. E matei, não o nego. E porque matei, fui condenada. Mas matei para viver. Matei para existir. Matei para amar. Para ser gente. Para ser mulher. Para ser...

Tive uma infância normal, como tantas crianças. Sou filha de um juiz, como o senhor, e de uma professora. Tive creche, jardim de infância, colégio. E foi quando andava no colégio que tudo começou. Tinha oito anos e muitas vezes era um amigo do meu pai, advogado, que me ia buscar no fim das aulas. O pai confiava nele, a mãe confiava nele e eu... ia comendo os chocolates que me dava, os rebuçados que me dava, os bolos que me dava, enquanto me pedia para tirar a blusinha, a calcinha, e fazia-me festas... e despia-se também e... e tudo isto à frente de um grande espelho onde eu me via, onde o via a ele... Onde ele crescia, enorme, e me pedia mais beijos e que lhe mexesse no pénis e que o chupasse como chupava os gelados e... e... e dizia-me, no fim, que guardasse este segredo, que era só nosso, que ninguém podia saber... E eu guardava... De manhã, à tarde e à noite, mesmo quando o via nos meus pesadelos, e acordava a chorar e a mamã perguntava, o que é, filha? E o papá dizia, acalma-te filha, o que foi que viste, e eu dizia, vi o teu amigo, papá, que estava a brincar

comigo, que estava a... e o papá berrava e mandava-me calar e nunca quis saber porque é que eu acordava de noite, todas as noites, a chorar e a dizer, vi o teu amigo, papá...

Foi assim, Senhor Doutor, foi assim a minha infância, normal, como a infância da sua filha, até esse dia, que se repetiu por muitos dias, em que o amigo do papá, que até podia ser seu amigo, senhor doutor, foi crescendo e ficando enorme no espelho em que me olhava e em que eu já não conseguia ver mais ninguém...

O Papá teve de mudar de cidade e então acabou esse pesadelo, mas só o real, porque o que eu tinha de noite continuou, pelos anos fora. Cresci, fiz o 12º ano, entrei para a Faculdade, conheci outros rapazes, jovens como eu, mas nunca mais consegui ser mulher. Queria amar, sim, mas não era capaz. Sempre que saía com algum colega, sempre que começava a gostar dele, quando me deitava, com ele a meu lado, e fechava os olhos, só via um espelho, enorme, e no espelho, a olhar-me, ali aparecia o amigo do papá, também enorme e depois... acabava tudo.

Senhor Doutor, o senhor sabe o que é querer viver e não poder? Sabe o que é a noite de não-ser? Sabe o que é estar vivo e saber-se morto?

Acabei, eu também, o Curso de Direito. Como o senhor, como o papá, como o amigo do papá. Comecei a exercer. E um dia, num hotel, a propósito de um Congresso, cruzei-me de novo com ele, o senhor dos doces e das guloseimas. Ao ver-me, os olhos dele brilharam. Depois, mais tarde, eram onze horas da noite, bateu à porta do meu quarto. Com o mesmo brilho nos olhos. E trazia chocolates. E rebuçados. E... perguntou-me se não queria recordar os velhos tempos... Deixei-o entrar. Despiu-se... Eu despi o roupão. Ele abriu a porta do guarda-fato onde estava um espelho enorme e eu comecei a vê-lo, e a ver-me de novo, criança, e a vê-lo a ele, a crescer, a ficar enorme, à minha frente, por dentro dos meus olhos... Passei-lhe o cinto do roupão pelos braços, pelos

ombros, pelo pescoço, sabendo claramente o que tinha a fazer: apertei, apertei, apertei, até ele ficar roxo, deixar de respirar, cair para o lado e eu cair também, desfalecida.

Fui presa. O papá veio a correr. Não foi preciso explicar-lhe. Anos antes tinha-lhe contado tudo sobre o seu amigo. E ele então preferiu fingir que não era nada. Quando agora lhe disseram o que eu tinha feito, percebeu tudo. Mas em vez de assumir que o seu amigo era um criminoso e que eu apenas tinha querido viver e respirar, pediu-me que invocasse loucura temporária. Contratou os melhores psiquiatras e os melhores advogados. Mas eu opus-me. Não estava louca. Reclamei justiça. Não sobre mim, mas sobre a sociedade. Sendo julgada e condenada não era a mim que o tribunal julgava e condenava. Era esta sociedade hipócrita, feita de aparências, de moralismos balofos, que joga poker enquanto os filhos e as filhas são desvirginados pelos amigos dos papás e das mamãs nas noites do Halloween.

Não quero a liberdade, senhor Doutor. Agora, olho para o espelho e só me vejo a mim. E a todas as mulheres do mundo. Justicadas e injusticadas como eu. Já não há homens enormes a crescer dentro do meu rosto, dentro do meu peito, dentro da minha boca. Os meses correm lentos como as noites de inverno. Quero aprender os gestos em que o tempo começa. A mim, faltam-me cinco anos. Mas quantos anos faltarão à sua mulher e às suas filhas e às mulheres e às filhas dos seus amigos para saberem a verdade e serem finalmente mulheres?

Eu já fui julgada, Senhor Doutor. Faça agora justiça sobre a sociedade que o tornou juiz. Porque ainda acredito que o sol nasce depois de uma noite de inverno.

Respeitosamente... Electra

(João Maria André)

Terminada a carta ouve-se a última estrofe da canção de Amélia Muge

E a senhora está sentada
sobre as suas próprias mãos
e baloiça no vazio
No céu de todos os chãos

(Amélia Muge)

QUADRO 7

Mulher-carteira 1 - E todos os dias é a mesma vida.

Homem-carteiro 1 - A mesma rotina todos os dias.

Mulher-carteira 1 - Estas mulheres de rosto esculpido pela dor...

Homem-carteiro 1 - Esta gente cujo rosto
as vezes luminoso
e outras vezes tosco

Mulher-carteira 1 - Ora me lembra escravos
ora me lembra reis
faz renascer meu gosto
de luta e de combate
contra o abutre e a cobra
o porco e o milhafre.

Homem-carteiro 1 - Pois a gente que tem
o rosto desenhado
por paciência e fome
é a gente em quem
um país ocupado
escreve o seu nome.

(Sophia de Mello Breyner Andresen)

Mulher-carteira 1 - Esta gente cujo rosto é o rosto de mulher.

Homem-carteiro 1- Maria, Leonor, Alzira ou Luísa...

Mulher-carteira 1 - Na calçada de Carriche

Mulher carteira 2 - Luísa sobe
sobe a calçada
sobe e não pode
que vai cansada.

Homem-carteiro 2 - Sobe, Luísa
Luísa sobe,
sobe que sobe
sobe a calçada

*Mulher-carteira 1 e Homem-carteiro 1
continuam a repetir a lenga-lenga
como música de fundo:*

Sobe, Luísa
Luísa sobe,
sobe que sobe
sobe a calçada

Mulher-carteira 2 - Saiu de casa
de madrugada;

Homem-carteiro 2 - regressa a casa
é já noite fechada.

Mulher-carteira 2 - Na mão grosseira
de pele queimada
leva a lancheira
desengonçada.

Todos - Anda Luísa,
Luísa sobe,
sobe que sobe,
sobe a calçada.

Homem-carteiro 2 - Luísa é nova,
Desenxovalhada,

Mulher-carteira 2 - tem perna gorda,
bem torneada.

Homem-carteiro 2 - Ferve-lhe o sangue
de afogueada;

Mulher-carteira 2 - saltam-lhe os peitos
na caminhada.

Todos - Anda Luísa,
Luísa sobe,
sobe que sobe,
sobe a calçada.

Homem-carteiro 2 - Passam magalas,
Rapaziada,
palpam-lhe as coxas,
não dá por nada.

Todos - Anda Luísa,
Luísa sobe,
sobe que sobe,
sobe a calçada.

(Termina o coro de fundo)

Mulher-carteira 2 - Chegou a casa
não disse nada.

Homem-carteiro 2 - Pegou na filha,
deu-lhe a mamada;

Mulher-carteira 2 - bebeu da sopa
numa golada;

Homem-carteiro 2 - lavou a loiça,
varreu a escada;

Mulher-carteira 2 - deu jeito à casa
desarranjada;

Homem-carteiro 2 - coseu a roupa
Já remendada;

Mulher-carteira 2 - despiu-se à pressa,
desinteressada;

Homem-carteiro 2 - caiu na cama
de uma assentada;

Mulher-carteira 2- chegou o homem,
viu-a deitada;

Homem-carteira 2 - serviu-se dela,
não deu por nada.

Todos - Anda Luísa,
Luísa sobe,
sobe que sobe,
sobe a calçada.

(Recomeça o coro de fundo)

Mulher-carteira 2 - Na manhã débil,
sem alvorada,
salta da cama,
desembestada;

Homem-carteiro 2 - puxa da filha,
dá-lhe a mamada;
veste-se à pressa,
desengonçada;

Mulher-carteira 2 - anda, ciranda,
Homem-carteiro 2 - desaustinada;

Mulher-carteira 2 - range o soalho
Homem-carteiro 2 - a cada passada;

Mulher-carteira 2 - salta para a rua,
Homem-carteiro 2 - corre açodada,

Mulher-carteira 2 - galga o passeio,
Homem-carteiro 2 - desce a calçada,

Mulher-carteira 2 - chega à oficina
Homem-carteiro 2 - à hora marcada

(Cessa o coro anterior)

Mulher-carteira 2 - puxa que puxa,
Homem-carteiro 2 - larga que larga,
Mulher-carteira 1 e Homem-carteiro 2 - puxa que puxa,
Mulher-carteira 2 e Homem-carteiro 1- larga que larga

Todos - puxa que puxa,
larga que larga,
puxa que puxa
larga que larga;

*Mulher-carteira 2 e Homem carteiro 2
continuam em surdina o coro*

Puxa que puxa,
larga que larga.

Homem-carteiro 1 - toca a sineta
na hora aprazada,

Mulher-carteira 1 - corre à cantina,
volta à toada,

Todos - puxa que puxa,
larga que larga,
puxa que puxa,
larga que larga,
puxa que puxa,
larga que larga.

(Cessa o coro)

Mulher-carteira 2 - Regressa a casa
é já noite fechada.

Homem-carteiro 2 - Luísa arqueja
pela calçada.

Mulher-carteira 1 - Anda Luísa,
Homem-carteiro 1 - Luísa sobe,
Mulher-carteira 2 - sobe que sobe,

Homem-carteiro 2 - sobe a calçada

Mulher-carteira 1 e Homem-carteiro 1- sobe que sobe,
sobe a calçada,

Mulher-carteira 2 e Homem-carteiro 2- sobe que sobe,
sobe a calçada,

Todos - Anda Luísa,
Luísa sobe,
sobe que sobe,
sobe a calçada.

QUADRO 8

*A cena vai-se transformando, lentamente, numa esquina da vida,
onde duas ou três mulheres oferecem os seus serviços. Ouve-se Elis
Regina, com a*

Batucada da vida

No dia em que apareci no mundo
juntou uma porção de vagabundos da orgia.
De noite teve choro e batucada
que acabou de madrugada
em grossa pancadaria.

Depois do meu baptismo de fumaça
mamei um litro e meio de cachaça
bem puxado
e fui adormecer como um despacho
deitadinha no capacho
na porta dos enjeitados.

Cresci olhando a vida sem malícia
quando um cabo de polícia
despertou meu coração
e como eu fui pra ele muito boa
me soltou na rua à toa
desprezada como um cão.

E agora que eu sou mesmo da virada
e que eu não tenho nada, nada,
que por deus fui esquecida
irei cada vez mais me esmulambando
seguirei sempre cantando
Na batucada da vida.

(Ary Barroso/Luiz Peixoto)

*Uma das prostitutas solta-se das outras. É a Jacinta. Luz vermelha
sobre ela, que se senta num banco de snack-bar, tomando uma
bebida e fumando o seu cigarro. Aproximam-se os carteiros 1 e 2, e
conta a sua história, terna, mas ao mesmo tempo com uma pose
naturalmente provocadora.*

Jacinta - Ando na noite e faço pela vida... A minha história, oh, a
minha história dava um filme. Se gosto? A gente habitua-se...
Começou tudo quando fazia limpeza no escritório do Doutor
Advogado. Era serviço limpo. E calmo. Ao fim da tarde. Das seis às
oito. Até que um dia... Estava a limpar a sala de espera quando ele
voltou a entrar. Tinha-se esquecido duns papéis... Mas atrás dos
papéis... Começou a andar à minha volta... filho, e com uma
conversa... Eu nem entendia patavina, mas ele mais que assim e
assado, que me sentasse... E pegava-me nas mãos... Que era uma
pena, mãos tão bonitas... e o pescoço... e as pernas... E começam
me a subir uns calores pelo corpo acima... e ele, filho, vá de me

desabotoar a blusa e depois... depois foi mesmo ali, no maple da sala de espera. E a história continuou... todas as semanas... à 5ª feira, certo como um relógio. Foi com ele que eu aprendi tudo... Queria que eu lhe fizesse aquilo que a mulher não lhe fazia... Fantasias dos homens, tu sabes... Ao princípio não foi fácil. Mas sempre eram mais uns contos ao fim do mês. Além dumas roupas que me ia oferecendo... Até me convidou para comer no restaurante duas ou três vezes... Ao fim de seis meses despediu-me. Fartou-se ou arranjou outra. E ali fiquei eu... Grávida, soube-o logo a seguir, porque ele, cuidados... nenhuns! O quê? Não, filho, ainda não se falava destas doenças novas que prái andam. Quando fui ter com ele, nem me recebeu. Mandou a secretária informar que não podia atender. E eu que já tinha a Alice e o irmão... Mais uma boca, não, nem pensar. Tinha que fazer um desmanche... e dinheiro? O meu homem estava dentro, na prisão, por causa da droga. Foi então que me decidi a vir para a rua... Ao princípio custou, é verdade... Mas tinha que fazer pela vida... Tinha a Alice e o irmão... E depois... se não me tratarem mal, acaba por ser bom vê-los felizes. Há muitos que falam, abrem a alma, até se esquecem ao que vieram... É bom o amor mesmo quando é só a fingir... Ao princípio custou, mas agora... agora é assim, habituamo-nos a viver... habituamo-nos a viver no bairro do amor.

(João Maria André)

QUADRO 9

Jacinta afasta-se, a cena das prostitutas desfaz-se, um dos Homem-carteiro 1 vai para um canto e aproxima-se de Jacinta, entretanto, um magala. Passeiam no palco, enquanto o Homem-carteiro 1 descreve a cena

Homem-carteiro 1 - Eram duas da manhã e tinha pegado de

estaca diante de um antiquário, onde se a memória não me falha um artista decorador qualquer, montara não sei com que intuítos reclamativos, certa fantasia de fundo do mar com montículos de areia, aquários curvos iluminados por lâmpadas frouxas de cores coadas, pedregulhos limosos, conchas, muitas conchas, plantas marinhas, estrelas-do-mar, corais e recantos sombrios com brilhos de olhos de monstro inventados. Só lhe faltava meia dúzia de sereias pequeninas, verdes, com caudas de peixe, a rabear dum lado para o outro no silêncio das águas brandamente coloridas... (E nisto) reparei num par que se aproximava: um soldado alto, membrudo, a arrastar pela mão uma moça de camisola justa aos seios e saia curta. Olhei-a. Meretriz? Talvez, mas não agora. Tudo o que havia de grosseiro na sua fisionomia, normalmente pintada como a de um palhaço, desvanecera-se, adelgaçara-se não sei por que tensão de espírito e no charco boiavam duas flores puras nos olhos...

Soldado - Anda!

Jacinta - Espere! Quero ver bem. Ah, como eu gostava de morar ali!... E ser a rainha do fundo do mar, com um vestido muito bonito todo feito de escamas... E morar num palácio de conchas, com muitas cores...

Soldado - Anda!

Jacinta - E ter muitos peixes às minhas ordens... numa cidade habitada por estrelas-do-mar...

Homem-carteiro 1 - O extraordinário não era o que ela dizia. Era o que ela não dizia... num esforço de contemplar com gestos e risinhos de procura, a sua narrativa a tropeçar nas palavras... em adejos vãos de pássaro desplumado...

Soldado - Anda!

Homem-carteiro 1 - A rapariga acabou por encolher os ombros, numa resignação de viver. Depois olhou para mim e sorriu-me. Também lhe sorri (Compreendíamos-nos tão bem!) Andávamos ao

mesmo! Com os bolsos cheios de estrelas e luas. Juro-vos uma coisa: Tenho conhecido, com intimidade até, dezenas e dezenas de poetas de todos os tamanhos, cores e feitios: aristocratas, demagogos, proletários, género arte-pela-arte, profundos, fúteis, geniais, óptimos, bons, maus, péssimos, heróicos e palacianos. Pois juro-vos que até hoje ainda não tive a sorte de surpreender, em nenhum deles, um instante de arrebatamento tão poético como o daquela pequena de camisola justa aos seios e saia curta. Em contraste: quantos poetas com momentos de meretriz por essa vida fora!

(José Gomes Ferreira)

Começam a ouvir-se os primeiros acordes do Arco-íris de João Loio, enquanto as personagens vão compondo a cena com meninas-bonecas, meninas-meninas e o arco-íris ao fundo...

Olha o arco-íris

Olha o arco-íris
como vai tão doido,
tão doido a correr...
Leva no cabelo,
leva sem sabê-lo
uma fita de cor...

Olha uma menina
como está tão linda
a dormir...
Foi o arco-íris,
foi o arco-íris
que lhe disse:
vem sorrir...

Olha o arco-íris,
olha prá menina
a brincar...
Brincam co'as estrelas,
brincam só de vê-las
só de vê-las,
só de vê-las
a rodar...

Mas vem uma estrela e canta
e vem outra estrela e canta:
queremos entrar!
Trazem um joguinho
de berlindes e conchinhas
que lhes ensinou o mar...
Correm pela areia e riem
e comem laranjas
sempre, sempre sem parar,
sentem o sabor do mar...

Olha o arco-íris
como vai tão doido,
tão doido a correr...
Leva no cabelo,
leva sem sabê-lo
uma fita de cor...
Olha o arco-íris
como vai garrido
sem saber...
Faz um alarido,
fá-lo sem sentido,

mas é bom,
é bom de ver...

Mas vem uma estrela e canta
e vem outra estrela e canta:
queremos entrar!
Trazem um joguinho
de berlindes e conchinhas
que lhes ensinou o mar...
Correm pela areia e riem
e comem laranjas
sempre, sempre sem parar,
sentem o sabor do mar...

Olha o arco-íris...

(João Lóio/Regina Castro)

Fim

AGRADECIMENTOS:

À CIDM (Comissão Para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres),
pela selecção do projecto e pelo apoio técnico e documental.

Ao José Maria André, pelo texto, pela encenação e pelo entusiasmo
contagante que permitiu construir um espectáculo em torno da
temática, completamente novo e que não deixa indiferente quem o vê.

Aos actores, foi impressionante como se consegue reunir um grupo de
pessoas interessadas, dedicadas, voluntárias e que tão bem
souberam dar corpo às personagens.

Aos músicos, aqueles que vierem depois, individualmente e que de
imediatamente deram razão à opção da música ao vivo, excelente trabalho e
fácil adaptação ao contexto do espectáculo.

Ao TEM e ao Grupo de Vila Nova, grupos de teatro de referência do
concelho e que disponibilizaram actores, adereços e o seu saber
técnico a diversos pormenores do espectáculo.

À Câmara Municipal de Mortágua, pela disponibilidade do espaço
para o espectáculo, pelo apoio técnico ao projecto e pela vontade
política de apoio à cultura e ao desenvolvimento local.

Aos restantes parceiros locais do projecto (Escola Secundária,
Agrupamento de Escolas, Escola Profissional, Jardim-Escola João de
Deus, Fundação Balmar), pelo acompanhamento ao projecto, pela
disponibilidade do tempo do seu pessoal e beneficiários e pela
vontade dos seus dirigentes.

A todos aqueles que sempre souberam estar com o IEBA e apoiaram a
s suas actividades e que sem os mencionarmos eles sabem de quem
falamos.

A todas as mulheres e a todos os homens que durante a sua vida
souberam lutar por si, pelos seus direitos e pela igualdade e paridade
entre sexos sem complexos e sem demagogias. E que em Mortágua
algumas foram referenciadas nos documentos produzidos por este
projecto.